
INSTRUMENTOS CLÍNICOS UTILIZADOS NO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA DA USP: 10 ANOS DEPOIS¹

ELIANA HERZBERG
ANDREZZA MATTAR

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

RESUMO

A pesquisa constitui-se de um levantamento dos instrumentos clínicos utilizados pelos integrantes do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. O objetivo principal foi comparar os resultados com levantamento anterior (1995) e secundariamente, iniciar reflexão sobre os possíveis efeitos do processo de avaliação da qualidade dos testes, em curso pelo CFP, sobre a utilização desses instrumentos. Embora tenha sido observada uma tendência geral à diminuição de uso dos instrumentos, esses continuam sendo utilizados pela maioria (87%) dos integrantes do Departamento, observando-se ainda o predomínio das técnicas projetivas sobre os demais testes. O TAT continua na liderança, sendo que WISC e o CAT-A tiveram um decréscimo de utilização. Com base em pesquisas nacionais e internacionais, são levantados alguns fatores, dentre outros, a orientação teórica do corpo docente e os resultados da avaliação da qualidade dos testes, que poderiam estar exercendo influência na configuração deste panorama.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; testes psicológicos; técnicas de exame psicológico.

ABSTRACT

CLINICAL INSTRUMENTS USED IN THE DEPARTMENT OF CLINICAL PSYCHOLOGY OF USP: 10 YEARS LATER
This is a survey of clinical instruments used by the staff of the Department of Clinical Psychology of the University of São Paulo. Its main purpose was to compare data with a previous survey (1995) and also secondarily, to initiate a reflection about how the evaluation process of tests quality, carried on by the Federal Council of Psychology, might be affecting the use of the instruments. In spite of the observed general tendency of decrease in use of the techniques, they are still used by the majority of the Department (87%) and the use of projective techniques still prevails over others. The TAT keeps the leadership while the WISC and the CAT-A showed a decrease in use. Based on national and international surveys, some factors that might be influencing the configuration of this scenario are considered; among them are the theoretical orientation of the faculty and the results of the evaluation process of the quality of the tests that is currently taking place in Brazil.

Key words: Psychological assessment; psychological tests; psychological examination techniques.

¹Agradecemos a fundamental participação dos colegas de Departamento, sem a qual esta pesquisa não teria se concretizado. Esta pesquisa foi parcialmente apresentada no XVIII Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos em Barcelona, Espanha em 2005.

A presente pesquisa constitui-se em uma réplica da realizada em 1994 por Herzberg, Erdman e Becker (1995), quando foi feito um levantamento das técnicas de exame psicológico utilizadas por integrantes do Departamento de Psicologia Clínica (PSC) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, incluindo docentes e psicólogos técnicos. Embora esteja se utilizando a denominação réplica, algumas alterações foram feitas nesta investigação em função tanto dos próprios resultados obtidos na pesquisa de 1994 quanto de mudanças ocorridas desde então. Foram incluídos instrumentos e técnicas de avaliação utilizados pelos profissionais e que não estavam, na época, relacionados no formulário e, em função do processo de avaliação da qualidade de testes psicológicos em curso no Brasil (Conselho Federal de Psicologia, 2000 e 2003), foram adicionadas duas questões abertas, que serão detalhadas adiante.

Procurar conhecer quais os instrumentos utilizados parece constituir passo inicial para se poder tecer conjecturas quanto ao *status* dos mesmos em nossa realidade. De posse desse conhecimento pode-se com mais segurança refletir, entre outros aspectos, sobre o direcionamento de pesquisas na área, a credibilidade e as especificidades dos instrumentos. Como objetivo secundário, esse estudo procurou verificar, mesmo que de forma inicial, eventuais reflexos do referido processo de avaliação da qualidade de testes psicológicos, no contexto clínico e de pesquisa no Departamento de Psicologia Clínica.

A preocupação com levantamentos dessa natureza e com a formação e o ensino para habilitar o profissional na avaliação psicológica e, particularmente, no uso dos instrumentos psicológicos, já foi e tem sido expressa, em nosso meio, por outros pesquisadores tais como Alves (2004a e 2004b), Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996), Freitas e Noronha (2005), Herzberg (2000), Noronha (2002 e 2003) e Oliveira, Noronha, Dantas e Santarém (2005). Tendo como um de seus objetivos a longo prazo, conhecer os testes mais utilizados pelos psicólogos no Brasil, Azevedo et al. (1996), apresentaram os resultados de uma pesquisa preliminar feita em Brasília (Distrito Federal). Partindo de amostra de 40 psicólogos, o estudo revelou que o House-Tree-Person (HTP) e o Raven eram os testes utilizados com maior frequência nessa cidade. Em Herzberg, Erdman e Becker (1995), os instrumentos mais utilizados entre os 24 profissionais incluídos em seu levantamento (ordem decrescente de frequência) foram: TAT, WISC, CAT-A, Desenho da Figura Humana (DFH), Teste em Cores da Família (TDCF) de Maggi (1970), Rorschach, HTP, Bender, Raven Infantil e Teste do Desenho Livre. Freitas e Noronha (2005) realizaram levantamento dos instrumentos utilizados no psicodiagnóstico em clínica-escola paulista. Obtiveram resultados semelhantes aos obtidos por Herzberg Erdman e Becker, indicando também o predomínio da utilização dos testes projetivos sobre as outras técnicas e, dentre eles, os mais usados foram o HTP, o CAT-A, o CAT-H e o Zulliger.

Noronha (2002), por sua vez, ao realizar levantamento com 214 psicólogos inscritos no CRP/6ª Região (sub-sede Campinas), solicitou que indicassem os 10 testes mais utilizados e obteve a seguinte lista em ordem decrescente de frequência, a partir dos 43% (92) de profissionais que referiram utilizar testes em sua atuação: WISC, CAT (A e H), HTP, Bender, TAT, Wartegg, Rorschach, Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca, Raven (Escala Geral e Avançada) e Pfister. Pelo menos 39,3% (84) dos participantes, referiram explicitamente não utilizar testes. Em levantamento de técnicas e instrumentos psicológicos mais utilizados por 35 psicólogos comportamentais, Oliveira et al. (2005) constataram a seguinte lista dos 10 mais utilizados: CAT-H, Bender Infantil, DFH, Atenção Concentrada, Teste Gestáltico Bender para Crianças, Wartegg, Inventário de Interesses Profissionais, Colúmbia e WISC.

A preocupação com o *status* dos instrumentos psicológicos, dentro da prática psicológica e particularmente no contexto da avaliação psicológica, vem sendo há tempos, tema de pesquisas em outros países, dentre elas pode-se citar as de Archer, Maruish, Imhof e Piotrowski (1991), Archer e Newsom (2000), Belter e Piotrowski (2001), Borum e Grisso (1995), Camara, Nathan e Puente (2000), Cashel (2002), Dana, Conner e Allen (1996), Hagen e Castagna (2001), Hambleton e Oakland (2004), Kamphaus, Petoskey e Rowe (2000), Karon (2000), Kubiszyn et al. (2000), Mann (2003), Oakland (2004), Piotrowski, Belter e Keller (1998), Rossini e Moretti (1997) e Watkins, Campbell, Nieberdong e Hallmark (1995) nos Estados Unidos, Boben e Pogacnik (2000) na Eslovênia, Martin, Allan e Allan (2001) na Austrália, Sequeira e Van-Scoyoc (2004) no Reino Unido e Triliva e Stalikas (2004) na Grécia.

Embora apresentem em seus resultados uma tendência à diminuição de ênfase tanto no uso quanto no ensino das técnicas projetivas, Belter e Piotrowski (2001) apontam que pouco mudou quanto às técnicas específicas mais ensinadas e mais utilizadas nos últimos 15 anos. Quanto às técnicas projetivas, por exemplo, o Rorschach e o TAT estão na liderança. Segundo os mesmos ainda, os testes neuropsicológicos por sua vez tiveram uma ascensão no *ranking* das técnicas ensinadas e utilizadas pelos profissionais, fato constatado também no levantamento sobre uso de testes psicológicos entre psicólogos australianos que faziam avaliação psicológica forense, de Martin, Allan e Allan (2001). Belter e Piotrowski (2001) procuraram abarcar os fatores responsáveis pelo cenário atual de ensino e utilização dos instrumentos de avaliação psicológica. Dentre os mesmos citam desde a pressão do mercado de trabalho, incluindo aí as coberturas proporcionadas pelos diferentes planos de saúde, até a orientação teórica do corpo docente dos programas de pós-graduação em Psicologia Clínica. Quando discutem a pressão do mercado, por exemplo, colocam em desvantagem as técnicas tradicionais como o Rorschach e o TAT por consumirem muito tempo entre aplicação, análise e interpretação. As escalas e outros instrumentos similares seriam mais objetivos e rápidos, portanto seriam vantajosos em relação às primeiras. Ao concluírem seu artigo,

propõem um equilíbrio entre os diversos fatores levantados, como importante referencial norteador para o estabelecimento de objetivos dos programas de formação na área. O impacto e os efeitos das mudanças provocados nos últimos 25 anos nos Estados Unidos pela pressão dos planos de saúde e pelas diretrizes das organizações oficiais responsáveis pela manutenção da saúde têm sido compartilhados por diversos pesquisadores da área (Camara, Nathan e Puente, 2000; Cashel, 2002; Dana, Conner e Allen, 1996; Kubiszyn et al., 2000; Eisman et al., 2000; Piotrowski, Belter e Keller, 1998).

Ao discutir os resultados de sua pesquisa quanto às práticas clínicas de avaliação psicológica de crianças e adolescentes, Cashel (2002) aborda questões fundamentais, além de corroborar os resultados de pesquisadores quanto ao efeito da política de saúde na seleção dos instrumentos utilizados na avaliação, chama a atenção para a influência da orientação teórica do profissional nos resultados das pesquisas. Embora mostre um decréscimo na utilização de técnicas projetivas, quando faz comparações com estudos anteriores (as mais utilizadas foram nessa ordem: WISC, CBCL, Completar Sentenças, Conners' Parent and Teacher Rating Scales, Teacher Report Form, DFH, Bender-Gestalt, Wechsler Individual Achievement Test e Beery VMI), mostra que há variação desse decréscimo, em função da orientação teórica dos psicólogos, sendo que os de orientação psicanalítica classificaram os métodos projetivos como sendo os mais importantes em sua prática. Em suas conclusões e considerações finais afirma, citando diversas pesquisas realizadas, que, embora o panorama dos instrumentos utilizados para avaliação de crianças e adolescentes não tenha sofrido grandes alterações nos últimos 30 anos, algumas questões centrais precisam ser ativamente encaradas como: procurar reverter, quando for o caso, a negativa dos planos de saúde em reembolsar o psicólogo, quando este julgar que a avaliação psicológica do caso exige instrumentos específicos por ele (psicólogo) selecionados; adoção pelos psicólogos de uma série de estratégias e medidas proativas para lidar com o novo horizonte das políticas de saúde, e poder manter a tradicional tarefa de avaliação psicológica, exclusiva do psicólogo. Cita como exemplo dessas medidas entre outras, a atuação da categoria junto a legisladores e o esforço para provar as vantagens em termos de custo/benefício da realização de avaliação psicológica, tanto no planejamento quanto na avaliação dos resultados de tratamentos psicológicos.

Muito embora pesquisadores norte-americanos expressem a preocupação com a difícil realidade econômica imposta pelos planos de saúde, alertando para a necessidade de adaptação da categoria à mesma, também enfatizam a preocupação com a qualidade de seus serviços e a importância tanto de manter o ensino, quanto à liberdade de poder utilizar os instrumentos considerados apropriados para a avaliação a ser realizada (Camara, Nathan e Puente, 2000; Cashel, 2002; Dana, Conner e Allen, 1996; Eisman et al., 2000 e Kubiszyn et al., 2000).

Ao discorrerem sobre o contexto profissional da utilização de testes na Grécia, Triliva e Stalikas (2004) ressaltam as diferenças em relação ao contexto norte-americano. Compararam 150 psicólogos clínicos da prática privada de consultório com 66 psicólogos da prática pública institucional grega. Seus resultados indicam que menos de 1% dos psicólogos da clínica privada utilizam testes em sua prática. Todos informaram utilizar testes ocasionalmente e quando o faziam, utilizavam técnicas projetivas tais como desenhos, TAT, CAT e ainda a Técnica Projetiva de Chatira, desenvolvida localmente. Quanto aos testes mais utilizados nas instituições gregas, encontraram o WISC, o MMPI e as diversas técnicas projetivas, tais como o TAT, o Rorschach e o CAT. Apresentam proporções mais altas de utilização de testes de inteligência e de personalidade comparativamente a outros tipos de testes. Apontam que nem todos os instrumentos (WAIS-III, MMPI-II) foram padronizados para a população grega, mas que mesmo assim são utilizados, e concluem que a baixa e assistemática utilização de testes na prática privada parece indicar que a avaliação através de testes não faz parte da identidade profissional do psicólogo na Grécia. A utilização dos testes parece estar associada a objetivos bem específicos, ligados à obtenção de benefícios sociais de reembolso, de compensações e de serviços especializados, realizados nas instituições públicas.

Como resultado do Fórum Nacional de Avaliação Psicológica realizado pelo CFP em 2000 chegou-se a Resolução 002/2003, na qual foram publicados os critérios utilizados para avaliação dos testes. O Art. 16 da Resolução CFP nº. 002/2003 (CFP, 2003) explicita que será considerada falta ética a utilização de testes psicológicos que não constem da relação de testes aprovados pelo CFP, salvo em casos de pesquisa. Baseando-se em estudos nacionais e internacionais, Alves (2004a e 2004b) realizou cuidadoso exame dos efeitos da resolução do CFP particularmente em relação às técnicas projetivas e também sobre as condições do ensino da avaliação psicológica no Brasil. Alerta para a necessidade de se realizar pesquisas normativas, sobre a validade e a precisão das técnicas projetivas. Paralelamente, enfatiza ainda a necessidade fundamental de se melhorar a qualidade da formação profissional particularmente no caso dessas técnicas, dada a complexidade envolvida tanto na aprendizagem quanto no uso e interpretação adequada das mesmas. Alves (2004b) chama a atenção, no entanto, para a cautela que se deve ter com relação aos pareceres. Salienta que, *“em consequência da Resolução, tem havido uma melhora na qualidade dos manuais dos testes publicados”* (p.362), mas também questiona a não aprovação do CAT uma vez que esse *“tem a mesma fundamentação teórica do TAT, mas porque seu manual se constitui em uma mera tradução para o português do texto original publicado pelo seu autor, não se considera toda literatura nacional e internacional sobre ele”* (p. 362). Ao concluir o artigo sobre as consequências das Resoluções do CFP no ensino dos testes, Alves (2004a) resalta que a *“lista de instrumentos aprovados deverá ser sistematicamente atualizada... Assim não ensinar esses testes pode ser muito prejudicial para a formação global do psicólogo”* (p. 384).

A peculiar condição da Universidade de atender tanto à formação do futuro psicólogo quanto ao desenvolvimento de pesquisas e à prestação de serviços à comunidade, remete os profissionais que a integram a constantes questionamentos e à necessidade de atualização e reformulações. Deparamo-nos assim, com a necessidade tanto de atualização quanto de visão crítica frente ao emprego de instrumentos de exame psicológico. Uma revisão da literatura mostrou que esse tipo de levantamento discriminando os instrumentos de exame psicológico empregados com maior frequência por psicólogos pode ser útil por constituir disparador de questionamentos e discussões sobre instrumentos de nossa prática profissional dos quais não podemos mais nos furtar, sob pena de sermos coniventes num futuro não muito remoto, com um crescente descrédito em relação aos mesmos.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa foi realizada no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que contava com 34 integrantes. Destes, três não eram psicólogos e por esta razão, não foram incluídos como participantes da pesquisa. Dos 31 participantes (27 docentes e quatro técnicos), a amostra final foi composta por **30 psicólogos**, pois um integrante do Departamento não respondeu ao formulário. A orientação teórica de 27 dos participantes (90%) era psicodinâmica. Cabe mencionar aqui que desde 1994, quando da realização da primeira pesquisa, houve a contratação de três novos docentes (também atuando segundo o referencial psicodinâmico), em substituição a outros três docentes, que por motivos de ordens diversas desligaram-se do Departamento.

Instrumentos

Todos receberam um formulário com uma relação de instrumentos clínicos para avaliação psicológica existentes na Clínica Psicológica Dr. Durval Marcondes, que é a Clínica-Escola do Departamento. Além dos instrumentos existentes na Clínica, foram acrescentados ao formulário, outros mencionados com frequência, quer na literatura especializada, quer na prática clínica de colegas integrantes do Departamento. Esse acréscimo teve por objetivo suprir as lacunas apontadas no formulário de 1994, ou seja, incluir instrumentos utilizados por vários participantes tais como, as próprias entrevistas clínicas, caixa contendo material gráfico, de ludodiagnóstico, o Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca (1987 e 1989) e também instrumentos como a “Escala de Desenvolvimento do Comportamento no 1º Ano de Vida” de Pinto, Vilanova e Vieira, (1997), desenvolvido por integrante do Departamento, posteriormente à realização da pesquisa.

No formulário constava explicação do objetivo da pesquisa e os participantes foram solicitados a assinalar os instrumentos que estavam sendo utilizados no momento, bem como os que consideravam mais adequados, tanto em sua atuação na Clínica-Escola ou no consultório quanto também os empregados por alunos sob sua supervisão e/ou orientação em pesquisas. Os participantes foram ainda solicitados a dar indicações de outros testes que não constassem do formulário e também a sugerir novas aquisições pelo Departamento. Ao final do formulário havia duas questões abertas, em que se solicitava ao participante manifestar suas preferências e também reservas quanto aos testes, com as respectivas justificativas para tanto, independentemente do parecer oficial do Conselho Federal de Psicologia em relação aos mesmos.

Procedimento

Caso o profissional concordasse em participar da pesquisa deveria assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que estava anexo ao formulário. Os participantes foram instruídos a devolver espontaneamente os formulários preenchidos dentro de um prazo de 15 dias. Decorrido esse prazo foi feito contato com os que não haviam retornado o formulário e solicitou-se novamente que o fizessem. Também foram esclarecidas eventuais dúvidas quanto ao preenchimento do mesmo.

Tratamento dos dados

Tanto os instrumentos para avaliação psicológica utilizados pelos profissionais quanto às eventuais sugestões por eles apresentadas foram computados. A seguir foram obtidas as frequências percentuais de citação dos instrumentos, que são apresentadas na Tabela 1.

RESULTADOS

Constatamos que todos os participantes fazem uso de entrevistas psicológicas, entretanto 13% (4) deles utilizam exclusivamente de entrevistas psicológicas em sua prática clínica, não fazendo uso de nenhum outro instrumento de avaliação psicológica arrolado no formulário. Diante deste fato, para fim de estudo específico dos instrumentos utilizados (além propriamente de entrevistas psicológicas), *o número de participantes (base)* passou a ser de *26 psicólogos*.

Tabela 1. Distribuição de frequência absoluta e percentual dos instrumentos de avaliação psicológica utilizados pelos integrantes do Departamento (n=26)

Instrumentos	F	%
Teste de Apercepção Temática - TAT	19	73
Caixa com Material Gráfico	18	69
Desenho da Figura Humana de Machover - DFH	18	69
Caixa de Ludodiagnóstico	17	65
Teste de Rorschach	17	65
Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) de Walter Trinca	15	58
Teste de Apercepção Infantil com Figuras Animais CAT-A	15	58
Teste do Desenho Livre	15	58
Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP (em crianças)	14	54
Matrizes Progressivas de Raven - Escala Geral	13	50
WISC	13	50
WISC-III	12	46
WAIS	12	46
Teste do Desenho em Cores da Família - TDCF (Maggi, 1970)	11	42
Bender	11	42
Pré-Bender	11	42
Escala Adaptativa Operacionalizada de Ryad Simon - EDAO	9	35
Matrizes Progressivas de Raven - Escala Avançada	8	31
Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial	8	31
Questionário Desiderativo	8	31
Exame Psicomotor (roteiro para aplicação)	8	31
Colúmbia CMMS - 3ª edição	7	27
WPPSI ou Pré-WISC	7	27
Goodenough-Harris - DFH	7	27
Procedimento de Desenhos da Família com Estórias (DF-E) de Trinca (1989)	7	27
Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP (em adolescentes e adultos)	7	27
Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister	7	27
Teste da Árvore (Koch)	6	23
Teste de Dominância Lateral de Harris	6	23
Teste Não Verbal de Inteligência - INV	5	19
Técnica de Relações Objetivas de Phillipson - TRO	5	19
Escala de Desenvolvimento de Gesell	5	19
Teste de Orientação Espacial Piaget-Head	5	19
Inventário de Interesses Profissionais Thurstone	5	19
Jogo do Rabisco	4	15
Teste Dominós - D48	4	15

Instrumentos	F	%
Teste Não Verbal de Inteligência G-36	4	15
Estória a Completar de M. Thomas	4	15
Teste de Apercepção Infantil com Figuras Humanas - CAT-H	4	15
Teste Metropolitano de Prontidão - Forma R	4	15
Cubos de Kohs	3	12
Teste Coletivo de Inteligência para Adultos - Forma 1 - CIA	3	12
Sceno Test	3	12
Psicodiagnóstico Miocinético - PMK	3	12
Escala de Desenvolvimento do Comportamento no 1º Ano de Vida	3	12
Bateria DAT	3	12
Inventário de Depressão de Beck	3	12
Testes ABC	3	12
Teste de Zulliger	2	8
Questionário do Faz de Conta para aplicação oral	2	8
Teste de Quadros para Adolescentes de Symonds	2	8
Inventário Multifásico Minesota de Personalidade - MMPI	2	8
Stanford-Binet (Terman-Merril) Forma L	1	4
Stanford-Binet (Forma L e M)	1	4
Teste de Atitudes Familiares de Lydia Jackson	1	4
Teste de Figuras de Frustração para crianças em idade escolar - PFT	1	4
Teste de Figuras de Frustração para adolescentes e adultos - PFT	1	4
Técnica Soubiran de Reeducação Psicomotora (roteiro para aplicação)	1	4
Teste de Retenção Visual de Benton	1	4
Teste Peabody de Vocabulário de Figuras	1	4

Na Tabela 1 constam todos os instrumentos de avaliação psicológica listados no formulário, com os resultados obtidos quanto à frequência absoluta e percentual de utilização. Foram excluídos, para fins de concisão da Tabela os testes que constavam da relação em Herzberg, Erdman e Becker (1995), mas não estavam, atualmente, sendo utilizados por nenhum dos integrantes do Departamento ($F = 0$). Considerando-se o total de participantes (26), obteve-se a média de 16 citações de instrumentos e técnicas para o grupo como um todo.

DISCUSSÃO

Os instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados por 87% dos psicólogos do Departamento que fazem uso de instrumentos, além de entrevistas psicológicas estão apresentados na Tabela 1, onde podemos observar que as técnicas projetivas são as mais utilizadas entre os profissionais. Tal resultado é consonante com os de Freitas e Noronha (2005), Noronha (2002) e com os psicólogos de orientação psicodinâmica de Cashel (2002). Três Escalas de Inteligência (Matrizes Progressivas – Escala Geral, o WISC-III e o WAIS) figuram como representantes de outro tipo de técnica (avaliação de nível mental) entre os mais utilizados. Embora tenham sido feitas algumas sugestões para aquisição de materiais que não fazem parte do acervo da Clínica, tais como por exemplo o Sceno Test, Escala de Intolerância para a Enurese, Teste de Ajuste Marital e o Inventário de Estilos Parentais, grande parte das técnicas utilizadas são, ainda, as tradicionalmente reconhecidas em nosso meio, tais como o TAT, Rorschach e as técnicas gráficas, achado esse, também verificado em outras pesquisas já citadas. Observa-se por exemplo, que, embora o TAT tenha se mantido na liderança de preferências, a comparação com Herzberg, Erdman e Becker (1995) mostra que sua utilização passou de 92% em 1994 para 73% em 2004. O CAT-A caiu de 83% em 1994 para 58% em 2004. Já a Escala WISC passou de 83% em 1994 para 50% em 2004. Mantiveram-se praticamente inalteradas as frequências de utilização do DFH segundo a técnica de Machover (67% em 1994 versus 69% em 2004), do Rorschach (63% em 1994 versus 65% em 2004) e do Desenho Livre (54% em 1994 versus 58% em 2004).

A comparação ainda revela um sensível decréscimo na utilização de instrumentos de avaliação psicológica de forma geral no Departamento, resultado esse também encontrado nas pesquisas internacionais citadas. A despeito desse decréscimo mais geral, a ordem das preferências de utilização dos procedimentos não sofreu grandes alterações. Salientaremos as que chamaram particular atenção e teceremos algumas conjecturas sobre suas possíveis causas.

A Caixa com Material Gráfico, a de Ludodiagnóstico bem como o Procedimento Desenhos–Estórias (Trinca, 1987) não apareciam como alternativas a serem assinaladas no formulário da pesquisa anterior (Herzberg, Erdman e Becker, 1995), embora fossem recursos utilizados rotineiramente no Departamento. Alguns participantes até mencionaram naquela época suas respectivas omissões no formulário de pesquisa então utilizado. Assim sendo, podemos hipotetizar que provavelmente constariam como recursos utilizados com frequência elevada entre os integrantes do Departamento desde aquela época.

Já o WISC e o CAT-A perderam posições na classificação dos testes mais utilizados: ambos caíram no *ranking*, tendo sido ultrapassados, entre outros, pelo DFH e pelo Rorschach. Quanto ao ocorrido com o WISC, hipotetizamos que a transição entre versões do teste do

WISC para o WISC-III exige um período de adaptação, em que a familiarização com as mudanças entre versões pode se refletir numa queda temporária da frequência de utilização. A hipótese ganha força, quando se constata que, embora o WISC não deva ser mais utilizado (o WISC-III com 46% é que tem parecer favorável do CFP), ele constava do formulário e 50% (13) participantes o indicaram como instrumento importante, independentemente do parecer emitido pelo CFP em relação ao mesmo. Como paralelamente a essa atualização do teste, também constatamos em nosso meio um intenso questionamento em relação aos instrumentos de medida de inteligência, faz-se necessária nova pesquisa no futuro, para se confirmar (ou não) a propriedade da hipótese quanto aos efeitos provocados pela transição de versões do WISC. Ou seja, seria importante tentar discriminar com mais precisão os fatores que estariam interferindo nas mudanças detectadas.

O CAT-A era a segunda técnica projetiva mais utilizada (Herzberg, Erdman e Becker, 1995), perdendo apenas para o TAT. Tal queda talvez possa estar relacionada com o parecer desfavorável atribuído, temporariamente, pelo CFP, no processo de avaliação da qualidade da referida técnica. A despeito do parecer, o CAT-A parece ser uma técnica valorizada pelos participantes, pois mantém frequência considerável de utilização em pesquisas. Também, quando se procede à leitura da questão aberta do formulário, onde os participantes se referem às técnicas de sua preferência, verifica-se que salientam suas preferências por técnicas que permitam a livre expressão de sentimentos, em oposição a questionários e escalas fechadas. Outro fato importante e que leva a pensar na possível influência do parecer desfavorável do CFP em relação à queda na utilização do CAT-A, é a posição de destaque ocupada pelo TAT no *ranking* dos instrumentos mais utilizados: é o líder, no Departamento, há pelo menos 10 anos. Qual seria a razão específica para tal discriminação (decréscimo de preferência), uma vez que o CAT é derivado do TAT? Não restam dúvidas de que essas são apenas hipóteses e que apenas pesquisas mais específicas voltadas para tais questões é que poderão (ou não) confirmar as hipóteses levantadas. A utilização do Bender também teve marcado decréscimo (de 63% em 1994 para 42% em 2004) e a opção por testes de prontidão, inventários, escalas e outros testes foi muito reduzida. A Escala de Adaptação Operacionalizada (EDAO) de Ryad Simon foi a única com frequência acima de 25% (35%) entre os inventários e escalas listados no formulário. Tais tendências observadas entre os integrantes do Departamento, quanto à utilização do CAT, Bender, escalas, inventários e questionários, parecem diferir das encontradas nos demais países pesquisados. O MMPI, por exemplo, é sem dúvida o líder na literatura internacional pesquisada. É interessante se observar, que nesse sentido, constatou-se uma tendência oposta à revelada em Belter e Piotrowski (2001), no que diz respeito às técnicas preferencialmente utilizadas, pois os referidos autores salientam que diferentes ordens de fatores (cobertura de planos de saúde, etc.) exercem pressão na realidade norte-americana para a utilização de escalas, inventários e questionários fechados em detrimento de técnicas mais abertas e menos diretivas.

Coerentemente com as idéias expressas na questão aberta do formulário, o Procedimento de Desenhos-Estórias e o Desenho Livre ganharam maior destaque, pois são instrumentos que permitem livre expressão de sentimentos, sendo pouco diretivos. Tais instrumentos ocuparam lugares anteriormente designados ao Teste do Desenho em Cores da Família (TDCF) de Maggi e ao Bender, respectivamente. No caso específico do TDCF, a falta de divulgação (praticamente inexistência de publicações técnicas), parece representar um importante fator no decréscimo de sua utilização. A autora era professora do Departamento e a descrição da técnica tal como a mesma propôs era feita pessoalmente e, infelizmente, após a sua morte, restringiu-se quase que exclusivamente ao manuscrito de sua dissertação de mestrado e à transmissão verbal feita pelos que reconhecem o valor de sua técnica.

A proporção de profissionais que não fazem, no momento, uso de instrumentos além de entrevistas psicológicas (13%) praticamente se manteve (17%) em Herzberg, Erdman e Becker (1995). Já a pesquisa de Noronha (2002) revelou porcentagem maior (39,3%) de profissionais que não fazem uso de testes. É preciso considerar, no entanto, que Noronha fez levantamento de testes psicológicos utilizados, excluindo outras técnicas de avaliação psicológica, e que psicólogos de todas as áreas de atuação foram incluídos, diferentemente desta pesquisa que foi realizada no Departamento de Psicologia *Clínica* pertencente a uma *Universidade*. As três características, a de incluir técnicas (procedimentos) de avaliação psicológica, o fato de tratar-se de profissionais da área clínica e o de pertencer a uma instituição de ensino podem explicar, ao menos parcialmente, esse maior uso dos instrumentos de avaliação psicológica do que o apresentado por Noronha (2002). Outro aspecto a ser estudado em futuras investigações refere-se à distribuição entre os profissionais, da utilização dos instrumentos e técnicas de exame psicológico, pois, embora a média de citação de testes obtida nesta pesquisa seja de 16 testes, considerando-se o grupo como um todo, parece haver uma tendência à polarização deste uso: alguns participantes utilizam um grande número de instrumentos, ao mesmo tempo em que outros, um número bastante reduzido.

Ao procurar abarcar os fatores responsáveis pelo cenário atual de ensino e utilização dos instrumentos de avaliação psicológica pode-se verificar a complexidade do tema. Alguns fatores parecem ser comuns a diferentes realidades, como por exemplo, a influência da orientação teórica dos profissionais e do corpo docente dos programas de ensino em Psicologia Clínica, como fator determinante na preferência do tipo de técnica utilizada com maior frequência, a convicção implícita do valor da avaliação psicológica como instrumento privativo da categoria profissional e também nas instituições públicas e particularmente na área forense. Outros fatores, no entanto, parecem ser mais acentuados em realidades específicas, tais como a pressão do sistema de saúde e das coberturas dos planos de saúde nos Estados Unidos na escolha dos testes utilizados preferencialmente pelos profissionais. Será que fatores dessa natureza influenciarão também os psicólogos brasileiros em um futuro próximo? E quanto aos

testes neuropsicológicos, que parecem estar ganhando crescente destaque no *ranking* dos testes mais utilizados, como podemos retratar nossa realidade de ensino e utilização dos mesmos? Para uma compreensão do cenário brasileiro e, especificamente, dentro das universidades e instituições de ensino, parece essencial que se inclua, em pesquisas futuras, uma diversa gama de fatores, dentre os citados. O exame das diversas pesquisas evidencia a importância e complexidade de se realizar levantamentos sobre o panorama de utilização das técnicas de exame psicológico nas diferentes realidades. Assim, fatores, que incluem desde o contexto socioeconômico da realidade em questão, área de atuação, local de trabalho (público ou privado), tempo e tipo de formação, orientação teórica dos profissionais até faixa etária da clientela atendida, dentre outros, podem exercer papel determinante nos resultados.

Concordamos com Alves (2004a e 2004b), quando expressa preocupações com a qualidade da formação universitária oferecida em nossa realidade aos futuros profissionais, com a importância do estímulo à pesquisa e à atualização dos instrumentos de avaliação psicológica e, com a cautela redobrada, que devemos ter ao emitir pareceres sobre os instrumentos de avaliação psicológica. É fundamental que as universidades, os centros de formação profissional e a sociedade de forma geral tenham clareza e convicção quanto ao dinamismo desse processo de avaliação dos instrumentos privativos da categoria, a fim de evitar incorrerem no sério risco de colocá-los num futuro não muito remoto, e de forma não suficientemente fundamentada, em descrédito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos constatar através de um simples levantamento, que, apesar de freqüentemente criticados, os instrumentos de avaliação psicológica continuam sendo considerados instrumentos importantes para o trabalho do psicólogo na área clínica e de pesquisa. Vale salientar, entretanto, a limitação da amplitude do estudo, pois se constituiu em um primeiro momento, de levantamento de dados quantitativos em apenas um departamento específico pertencente à Universidade de São Paulo. A extensão deste tipo de pesquisa a uma população maior de psicólogos, incluindo outros departamentos, clínicas-escola, bem como demais instituições, empresas e a prática privada, em muito poderá contribuir para a formação de quadro mais abrangente, quanto ao uso dos instrumentos de exame psicológico no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, I.C.B. (2004a). O ensino da avaliação psicológica e os efeitos da resolução do Conselho Federal de Psicologia. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.), *Técnicas projetivas: Produtividade em pesquisa. III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*. (pp. 377-384). Porto Alegre: SBRo.

- Alves, I.C.B. (2004b). Técnicas projetivas: Questões atuais na Psicologia. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.), *Técnicas projetivas: Produtividade em pesquisa. III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*. (pp. 361-366). Porto Alegre: SBRo.
- Archer, R.P.; Maruish, M.; Imhof, E.A. & Piotrowski, C. (1991). Psychological test usage with adolescent clients: 1990 survey findings. *Professional Psychology: Research and Practice*, 22, 247-252.
- Archer, R.P. & Newsom, C.R. (2000). Psychological test usage with adolescent clients: Survey update. *Assessment*, 7, 227-235.
- Azevedo, M.M.; Almeida, L.S.; Pasquali, L. & Veiga, H.M.S. (1996). Utilização dos testes psicológicos no Brasil: Dados de estudo preliminar em Brasília. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 4, 213-220.
- Belter, R.W. & Piotrowski, C. (2001). Current status of doctoral-level training in psychological testing. *Journal of Clinical Psychology*, 57, 717-726.
- Boben, D. & Pogacnik, V. (2000). Slovenian psychologists about the use of psychological tests. / Mnenje psihologov o uporabi psiholoskih testov. *Psiholoska-Obzorja/Horizons of Psychology*, 9 (3), 79-94.
- Borum, R. & Grisso, T. (1995). Psychological test use in criminal forensic evaluations. *Professional Psychology: Research and Practice*, 26, 465-473.
- Camara, W.J.; Nathan, J.S. & Puente A.E. (2000). Psychological test usage: Implications in professional Psychology. *Professional Psychology: Research and Practice*, 31, 141-154.
- Cashel, M.L. (2002). Child and adolescent psychological assessment: Current clinical practices and the impact of managed care. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33, 446-453.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *I Fórum Nacional de Avaliação Psicológica – propostas encaminhadas para os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia* [folheto]. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução CFP: 002/2003*. Consultado em 23 de junho de 2005 do Conselho Regional de Psicologia Online de http://200.199.243.195/legislacao/doc/resolucao2003_002.doc.
- Dana, R.H.; Conner, M.G. & Allen, J. (1996). Quality of care and cost containment in managed mental health: Policy, education, research, advocacy. *Psychological Reports*, 79, 1395-1422.
-

- Eisman, E.J.; Dies, R.R.; Finn, S.E.; Eyde, L.D.; Kay, G.G.; Kubiszyn, T.W.; Meyer, G.J. & Moreland, K.L. (2000). Problems and limitations in using psychological assessment in contemporary health care delivery system. *Professional Psychology: Research and Practice*, 31, 131-140.
- Freitas, F.A.A. & Noronha, A.P.P. (2005). Clínica-Escola: Levantamento de instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (1), 87-931.
- Hagen, M.A. & Castagna, N. (2001). The real numbers: Psychological testing in custody evaluation. *Professional Psychology: Research and Practice*, 32, 269-271.
- Hambleton, R.K. & Oakland, T. (2004). Advances, issues, and research in testing practices around the world. *Applied Psychology: An International Review*, 53, 155-156.
- Herzberg, E. (2000). Use of TAT in multicultural societies: Brazil and the United States. In R. H. Dana, (Org.), *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment*. (pp. 447-464). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Herzberg, E.; Erdman, E.P. & Becker, E. (1995). Técnicas de Exame Psicológico utilizadas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Levantamento realizado em 1994. *Boletim de Psicologia*, XLV, 102, 85-96.
- Kamphaus, R.W.; Petoskey, M.D. & Rowe, E.W. (2000). Current trends in psychological testing of children. *Professional Psychology: Research and Practice*, 31, 155-164.
- Karon, B.P. (2000). The clinical interpretation of the Thematic Apperception Test, Rorschach, and other clinical data: A reexamination of statistical versus clinical prediction. *Professional Psychology: Research and Practice*, 31, 230-233.
- Kubiszyn, T.W.; Meyer, G.J.; Finn, S.E.; Eyde, L.D.; Kay, G.G.; Moreland, K.L.; Dies, R.R. & Eisman, E.J. (2000). Empirical support for psychological assessment in clinical health care settings. *Professional Psychology: Research and Practice*, 31, 119-130.
- Maggi, A. (1970). *Teste do Desenho em Cores da Família*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mann, C.A. (2003). Diagnostic practices in determining malingered mental illness: a survey of psychological test usage by forensic psychologists. *Dissertation Abstract International: Section B: The Sciences and Engineering*, 64 (3-B).
- Martin, M-A, Allan, A. & Allan, M.M. (2001). The use of psychological tests by Australian psychologists who do assessments for the courts. *Australian Journal of Psychology*, 53 (2), 77-82.
-

- Noronha, A.P.P. (2002). Os problemas mais graves e mais freqüentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 135-142.
- Noronha, A.P.P. (2003). Docentes de Psicologia: Formação profissional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8, 169-173
- Oakland, T. (2004). Use of educational and psychological tests internationally. *Applied Psychology: An International Review*, 53, 157-172.
- Oliveira K.L., Noronha, A.P.P., Dantas, M.A. & Santarém, E.M. (2005). O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 127-135.
- Pinto, E.B., Vilanova, L.C.P. & Vieira, R.M. (1997). *O desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida: Padronização de uma escala para a avaliação e o acompanhamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP.
- Piotrowski, C.; Belter, R.W. & Keller, J.W. (1998). The impact of “managed care” on the practice of psychological testing: Preliminary findings. *Journal of Personality Assessment*, 70, 441-447.
- Rossini, E.D. & Moretti, R.J. (1997). Thematic Apperception Test (TAT) interpretation: Practice recommendations from a survey of clinical doctoral programs accredited by the American Psychological Association. *Professional Psychology: Research and Practice*, 28, 393-398.
- Sequeira, H. & Van-Scoyoc, S. (2004). Discussion paper on psychological testing. *Counseling Psychology Review*, 19 (2), 37-40.
- Triliva, S. & Stalikas, A. (2004). The use of psychological tests and measurements by psychologists in the role of a counselor in Greece. *Counseling Psychology Review*, 19 (4), 32-39.
- Trinca, W. (1987). *Investigação clínica da personalidade: O Desenho Livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: E.P.U.
- Trinca, W. (1989). O Procedimento de Desenho de Família com Estória - DF-E, na investigação da personalidade de crianças e adolescentes. *Boletim de Psicologia*, 39, 90/91, 45-54.
- Watkins Jr., C.E.; Campbell. V.L.; Nieberdong, R. & Hallmark, R. (1995). Contemporary practice of psychological assessment by clinical psychologists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 26, 54-60.

Recebido em 14/06/07
Revisto em 06/09/07
Aceito em 08/09/07